

Leonardo Boff*

“Em seu país a vida parece não valer nada: se mata por um celular”

Essa frase não é minha. É de um dos maiores humanistas de nosso Continente, o ex-presidente uruguaio Pepe Mujica. Depois de um longo diálogo sobre o destino de nossos países, do mundo, do capitalismo, transformado numa cultura que a todos envolve, em certo momento confessou: “No Brasil a vida parece não valer nada: se mata por um celular. No Uruguai quando há um crime semelhante, país “chiquitito”, todos chegam a saber”. Em seu país fica por isso mesmo, sem averiguação, pois se trata de um negro.

No final nos abraçamos e tal foi a sintonia em nossas falas que me disse: “somos almas irmãs”. Eu surpreso calei para não chorar e com voz embargada apenas lhe disse: “Há duas pessoas que eu admiro no mundo: o Papa Francisco e Usted, Pepe Mujica”. Ele me abraçou fortemente e vi que uma lágrima furtiva escorria de seus cansados olhos.

Ele dizia a verdade. Uma conhecida de uma comunidade periférica do Grande Rio me contou: “conversei com um policial militar que ia e vinha na nossa pracinha e me disse: “puxa, estou aqui há duas horas e ainda não matei nenhum jovem negro”. Muitos jovens negros entre 15-18 anos são mortos com um tiro na cabeça com esta alegação: ou pertencem ao tráfico ou irão entrar nele. E então se faz o abate (expressão de um ex-governador preso).

No mundo atual parece mesmo que a vida não vale nada. Veja-se o morticínio e o genocídio cometidos sob mando de Netanyahu na Faixa de Gaza. Os assassinatos de crianças no Sudão sem falar dos milhares de mortos na Ucrânia e no Irã sob os bombardeios, de um lado dos russos e do outro, dos norte-americanos e dos israelenses usando até a Inteligência Artificial.

O chefe do Escritório da ONU para Assuntos Humanitários afirma: “Gastos de 14 de dias de guerra salvariam 87 milhões de vidas” (O Globo 22/4/26 p.19). Por que não decidimos pela vida e preferimos a morte? Esse é o mistério de nossa condition humaine que se mostra cruel e sem piedade.

Leio algo apavorante que está já está funcionando e irá se completar até 2027: uma Superinteligência Artificial que maneja trilhões de algoritmos, acumulados do mundo inteiro. Já não depende das decisões humanas. Ela pode, eventualmente, tomar a decisão de eliminar toda a vida humana. Prof. HOC, um de nossos mais sérios geopolíticos, descreveu em detalhes seu funcionamento em seu YouTube: “A briga que pode decidir o futuro da humanidade: a Anthropic e o governo americano”. (basta entrar no Google e escrever este título).

Neste contexto ameaçador convém refletirmos, ainda em tempo, sobre a excelência da vida. As respostas consagradas são que ela provém de Deus ou de algo misterioso, por nós inacessível.

Mas nossa visão mudou radicalmente quando em 1953 Crick e Watson decifraram a estrutura de uma molécula do ácido desoxirribonucléico (DNA) que contém o manual de instruções da criação humana. A molécula DNA consiste em múltiplas cópias de uma única unidade básica, o nucleotídeo, que se realiza em quatro formas: adenina (A), timina (T),

guanina (G) e citosina (C).

Esse alfabeto de quatro letras se desdobrava num outro alfabeto de vinte letras que são as proteínas. Formam o código genético que se apresenta numa estrutura de dupla hélice ou de duas cadeias moleculares. Ele é o mesmo em todos os seres vivos. Por isso somos todos parentes. Para os cientistas Watson e Crick: “a vida nada mais é que uma vasta gama de reações químicas coordenadas; o “segredo” desta coordenação é um complexo e arrebatador conjunto de instruções inscritas quimicamente em nosso DNA” (Cf. DNA: o segredo da vida, Companhia das Letras 2005, 424). Mas ela é muito mais: para outros cosmólogos, a Energia de Fundo amorosa e poderosa fez convergir todos os elementos para formar este conjunto das instruções: Alguém que comparece como a fonte de toda a vida. Quem é Ele?

Com isso a vida foi inserida no processo global da evolução. Após a grande explosão do big-bang há 13,7 bilhões de anos, a energia e a matéria liberadas foram se expandindo, se densificando, se complexificando e criando novas ordens à medida em que avançavam. Alcançado um nível alto de complexidade da matéria, irrompeu a vida como um imperativo cósmico (cf. Joël de Rosnay, A aventura da vida, Vozes 1992).

A vida representa, pois, uma possibilidade presente nas energias originárias e na matéria primordial. A matéria não é “material” mas um campo altamente interativo de energias condensadas. É o que afirmam notáveis da física quântica, biólogos e cosmólogos.

A vida já existe há 3,8 bilhões de anos. Ela é a Eva originária e originante de todos os seres vivos. Nós, humanos, somos o sub-capítulo do capítulo fontal que a própria vida. Somos aquela porção da Terra que um dia, sob extrema complexidade, começou a sentir, a pensar, a amar e a venerar. Eis que surgiu o ser humano.

Por fim, ousou repetir o que escrevi num artigo anterior. Segundo vários biólogos e cosmólogos o “Universo seria incompleto sem a vida”. Sempre que se atingir certo nível de complexidade, a vida surge como um imperativo cósmico, em qualquer parte do Universo. É a tese de Christian de Duve, Nobel em biologia e do físico quântico indiano Amit Goswami.

Portanto, temos que enriquecer nossa visão do universo, não como algo morto, mas cheio de vida em trilhões de planetas dentro de vários bilhões de galáxias. A nossa Via-Láctea, média, é a portadora dessa joia preciosa que é a vida. Em nós ela se fez reflexa e consciente com a capacidade de dar rumo à história.

Mas nesse momento, dada a nossa ousadia irresponsável, criamos uma Super-inteligência Artificial que pode nos destruir. Nutrimos a esperança de que a vida sempre triunfará como pôde sobreviver em todas as quinze grandes extinções do passado.

***Leonardo Boff escreve para a revista do ICL LIBERTA (<https://www.revistaliberta.com.br>); escreveu com o cosmólogo M. Hathaway O Tao da Libertação premiado em 2010 nos USA com a medalha de ouro em nova ciência e cosmologia; cf. também Ética da vida, Record 2006. (<https://www.leonardoboff.org>).**

EDITORIAL

Os riscos e vícios em bets para as famílias

As apostas esportivas on-line, popularmente conhecidas como “bets”, deixaram de ser apenas entretenimento digital para se transformar em um problema social com impactos profundos sobre a saúde financeira das famílias brasileiras. Em poucos anos, plataformas de apostas invadiram celulares, redes sociais, transmissões esportivas e o cotidiano de jovens e adultos, criando a falsa percepção de que ganhar dinheiro depende apenas de sorte ou persistência. O resultado dessa banalização já aparece no orçamento doméstico, no aumento do endividamento e no comprometimento das relações familiares.

O crescimento acelerado desse mercado ocorreu mais rápido do que a capacidade de fiscalização do Estado e da conscientização da sociedade. Influenciadores digitais, jogadores de futebol e celebridades promovem apostas como símbolo de diversão e oportunidade financeira, sem mencionar os riscos psicológicos envolvidos. A publicidade agressiva transforma perdas em algo aparentemente normal e vende a ilusão de enriquecimento fácil para pessoas que, muitas vezes, já enfrentam dificuldades econômicas.

O problema se agrava porque as plataformas utilizam mecanismos semelhantes aos dos jogos de azar tradicionais. Recompensas rápidas, sensação de quase vitória e estímulos constantes fazem com que muitos usuários desenvolvam comportamento compulsivo. O vício em apostas não atinge apenas indivíduos; ele compromete famílias inteiras. Há casos crescentes de pessoas que utilizam salário, cartão de crédito e até dinheiro destinado a despesas essenciais para continuar apostando na tentativa de recuperar prejuízos anteriores.

Quando isso acontece, instala-se um ciclo perigoso. A perda financeira gera ansiedade e frustração, que levam a novas apostas impulsivas. Em pouco tempo, dívidas se acumulam, relacionamentos se desgastam e o ambiente familiar se torna marcado por conflitos e insegurança econômica.

Outro aspecto preocupante é o impacto sobre os jovens. A facilidade de acesso às plataformas e a intensa propaganda durante eventos esportivos contribuem para naturalizar o hábito de apostar desde cedo. Para adolescentes e jovens adultos, a exposição contínua pode criar uma relação distorcida com dinheiro e responsabilidade.

Diante desse cenário, é indispensável que o poder público avance na regulamentação e no controle da publicidade das bets. Assim, também é urgente ampliar campanhas de educação financeira e conscientização sobre dependência em jogos.

Opinião do leitor

Higiene e saúde

Proteja-se - Lave e esfregue as mãos, com frequência com sabonete e água por pelo menos 20 segundos - tempo necessário para cantar “Parabéns para Você” duas vezes -, e, caso isso não seja possível, use uma dose generosa de desinfetante.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Níomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.